

Fatia de vida

Karla Muniz

Vem cá. Você vai trazer meu chocolate agora ou só amanhã?

Todos riram. Eu também acho graça, forço uma risada e digo

Eu vou trazer agora

Recolho toda a bagunça que aquela moça fez junto com os amigos. Vou até o balcão que naquele instante pareceu dividir o mundo entre mim e aquelas pessoas. Meu lugar desse lado do balcão. Dentro. O lugar deles daquele lado do balcão. Fora. Faço o chocolate. O chocolate que sempre faço com todo o carinho continuou sendo carinhoso. Mesmo que ela tenha me tratado como serviçal. Eu a sirvo com todo o meu carinho. É que às vezes a gente não sabe reagir a essas grosserias. Mas talvez ela só estivesse brincando. Percebeu que eu também sou muito brincalhona. É isso, ela quer ser minha amiga. Ela percebeu que eu sou sagitariana. Eu não fiquei magoada. Engulo seco e levo dois chocolates. Dela e da amiga.

Os chocolates que faltavam

A amiga agradece, mas ela não. Apenas finge um sorriso e me olha. Ela não encostou no chocolate. Em nenhum momento. A amiga bebeu todo o chocolate e ouvi ela dizendo **Tá gostoso. Bebe o seu.** Ela não bebeu. O chocolate que ela tanto queria pra agora ficou na mesa. Sem ser tocado, provado. Ficou ali. Parado. E eu me pergunto se eu fiz errado o chocolate.

Leite, cacau em pó de marca boa e validade em dia, açúcar,

pedras de gelo pra ficar bem gelado,

tudo no liquidificador. Tá certo.

Lembro de todas as vezes que eu fiz esse chocolate e as pessoas elogiaram. De fato, fazer esse chocolate era a minha especialidade ali naquele Café. Quando alguém pedia chocolate gelado minhas colegas de trabalho já gritavam meu nome **FERNANDA**. Teve uma vez que uma menina pediu quatro vezes seguidas esse chocolate. Tá, eu posso estar exagerando. Talvez ela só pediu três. Mas três já era um número ótimo comparado a essa minha nova amiga que achou o chocolate ruim sem ao menos beber um gole.

Lata d'água na cabeça

Lá vai Maria, lá vai Maria

Sobe o morro e não se cansa

Pela mão leva a criança

Lá vai Maria

Fernanda é uma atendente de um café em um shopping da Zona Sul do Rio de Janeiro. Ela não gosta de seu trabalho, da sua chefe e nem de alguns de seus clientes. Trabalha lá para provar a mãe a força que tem para viver sozinha. Para aliviar a tensão, Fernanda passa metade da sua folga lendo textos de teatro sobre a difícil rotina de uma atendente de loja. Fernanda é fã de Lua Souza, autora desses textos. Lua já foi atendente e empregada doméstica. Hoje atriz, escreve sobre os abusos sofridos para que outras mulheres se identifiquem.

O Dia de uma atendente de vestuário.

ou Boa noite.

Texto de Lua Souza

Ato 1

- Boa Noite, minha senhora!

- Só estou dando uma olhadinha!

Ato 2

- Boa noite, minha senhora!

- Só entrei para me refrescar!

Ato 3

- Boa noite, minha senhora!

- Alô. É, eu tô aqui no shopping. Espera um instantinho. Eu quero G dessa saia aqui. Isso, reunião às 19 horas. Tá. Marcou com o Carlos?

Ato 4

- Boa noite, minha senhora!

- Entrei na loja errada!

Ato 5

- Boa noite, minha senhora!

- Onde fica a loja de vinhos?

Ato 6

- Boa noite, minha senhora!

- Aqui vocês vendem biquíni?

Ato 7

- Boa noite, minha senhora!

- Boa noite, eu gostaria de experimentar essa blusa. Por que você está chorando?

- Desculpa, mas a senhora é a primeira pessoa hoje que me dá “boa noite”.

Fim



Maria lava roupa lá no alto

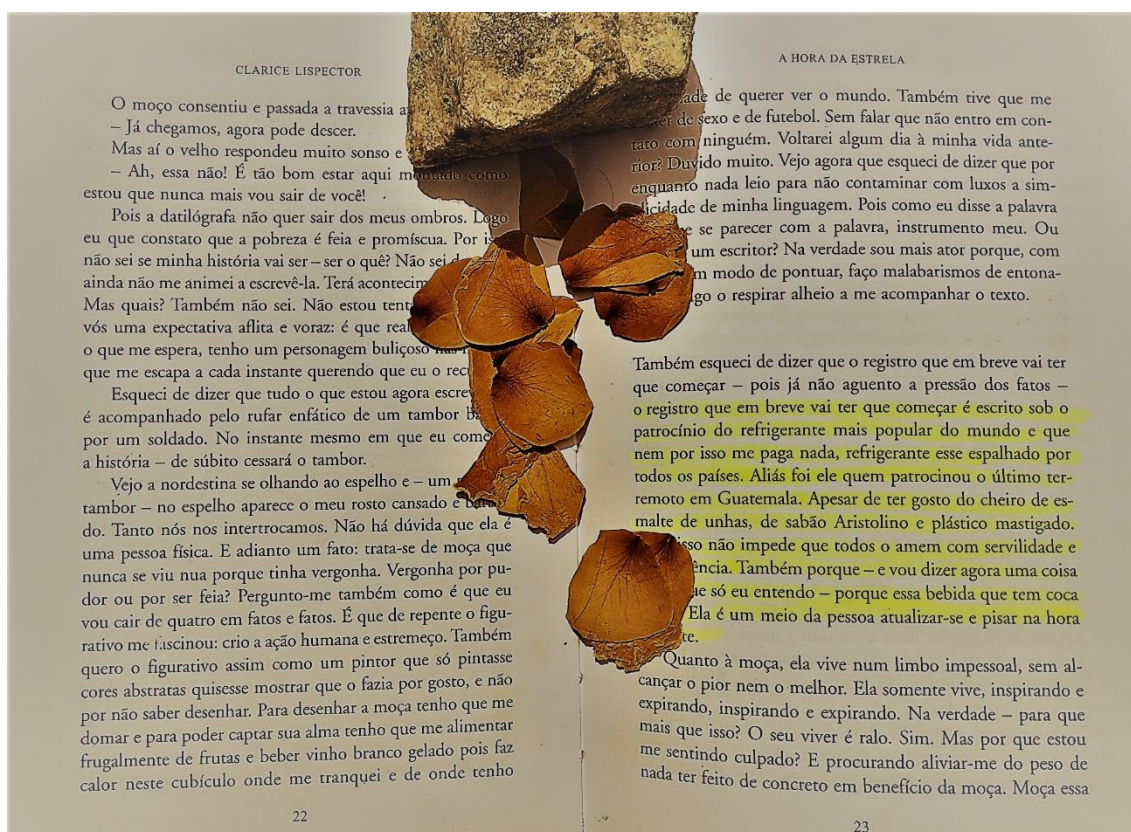
Lutando pelo pão de cada dia

Sonhando com a vida no asfalto

Que acaba onde o morro principia

Maria é mãe
Não se sabe se ela é mãe por nome
Maria, mãe de Jesus
Só se sabe que ela é mãe
Deu o leite
Deu o colo
E deu aquilo que ela tem de mais precioso
Seu ouro
O amor
E o tempo passa rápido
Parece que foi ontem que engatinhou
Parece que foi ontem que a menina
Falou
mamãe
Já viu mãe que vive pra filho?
Maria acorda
Prepara o café
Dá o café
Prepara aquele bolinho
Pra caso a menina fique com fome na rua
A menina na rua
Maria em casa
Maria não sossega
Parece que a saudade a deixa agitada
Varre
Passa
Esqueceu o balde no andar de baixo
Vai ter que descer tudo de novo pra pegar
Ela ta cansada
Ai, derrubou tudo

Cai o livro



CLARICE LISPECTOR

A HORA DA ESTRELA

O moço consentiu e passada a travessia a
– Já chegamos, agora pode descer.
Mas aí o velho respondeu muito sonso e
– Ah, essa não! É tão bom estar aqui montado como
estou que nunca mais vou sair de você!

Pois a datilógrafa não quer sair dos meus ombros. Logo
eu que constato que a pobreza é feia e promíscua. Por isso
não sei se minha história vai ser – ser o quê? Não sei de
ainda não me animei a escrevê-la. Terá acontecido
Mas quais? Também não sei. Não estou tentando
vós uma expectativa aflita e voraz: é que realmente
o que me espera, tenho um personagem buliçoso
que me escapa a cada instante querendo que eu o recorde.

Esqueci de dizer que tudo o que estou agora escrevendo
é acompanhado pelo rufar enfático de um tambor batido
por um soldado. No instante mesmo em que eu começo
a história – de súbito cessará o tambor.

Vejo a nordestina se olhando ao espelho e – um
tambor – no espelho aparece o meu rosto cansado e barba
do. Tanto nós nos intertrocamos. Não há dúvida que ela é
uma pessoa física. E adianto um fato: trata-se de moça que
nunca se viu nua porque tinha vergonha. Vergonha por pudor
ou por ser feia? Pergunto-me também como é que eu
vou cair de quatro em fatos e fatos. É que de repente o figurativo
me fascinou: crio a ação humana e estremeço. Também
quero o figurativo assim como um pintor que só pintasse
cores abstratas quisesse mostrar que o fazia por gosto, e não
por não saber desenhar. Para desenhar a moça tenho que me
domar e para poder captar sua alma tenho que me alimentar
frugalmente de frutas e beber vinho branco gelado pois faz
calor neste cubículo onde me tranquei e de onde tenho

de querer ver o mundo. Também tive que me
de sexo e de futebol. Sem falar que não entro em con-
tato com ninguém. Voltarei algum dia à minha vida ante-
rior? Duvido muito. Vejo agora que esqueci de dizer que por
enquanto nada leio para não contaminar com luxos a sim-
plicidade de minha linguagem. Pois como eu disse a palavra
e se parecer com a palavra, instrumento meu. Ou
um escritor? Na verdade sou mais ator porque, com
um modo de pontuar, faço malabarismos de entona-
ção e de respirar alheio a me acompanhar o texto.

Também esqueci de dizer que o registro que em breve vai ter
que começar – pois já não aguento a pressão dos fatos –
o registro que em breve vai ter que começar é escrito sob o
patrocínio do refrigerante mais popular do mundo e que
nem por isso me paga nada, refrigerante esse espalhado por
todos os países. Aliás foi ele quem patrocinou o último ter-
remoto em Guatemala. Apesar de ter gosto do cheiro de es-
malte de unhas, de sabão Aristolino e plástico mastigado.
isso não impede que todos o amem com servilidade e
fidelidade. Também porque – e vou dizer agora uma coisa
que só eu entendo – porque essa bebida que tem coca
ela é um meio da pessoa atualizar-se e pisar na hora
certa.

Quanto à moça, ela vive num limbo impessoal, sem al-
cançar o pior nem o melhor. Ela somente vive, inspirando e
expirando, inspirando e expirando. Na verdade – para que
mais que isso? O seu viver é ralo. Sim. Mas por que estou
me sentindo culpado? E procurando aliviar-me do peso de
nada ter feito de concreto em benefício da moça. Moça essa

Maria- Ô, mulher, distraída da gota. Eita, quem é que guarda flor seca em livro? Coisa de gente doida. Coisa de Fernanda que é doida. Ela marca as coisas do livro ó. Não sabia que podia fazer isso não. Achava que era sagrado. Se bem que minha bíblia é sagrada e uma vez o padre pediu para marcar com lápis. Ó, mas aqui ela marcou de caneta. Ih ó, tá falando da Coca Cola. Refrigerante e coca só pode ser isso. Faltou só o cola. Servilidade, palavra bonita. Vou perguntar pra Fernanda o que é. Ih, teve um terremoto na Guatemala. Será que tá tudo bem? Mas onde fica Guatemala? Ó pra isso. Capa bonita. Ó as roupas no varal. Que gozado. Isso aqui é um nariz no rádio dela? Inacreditável. Ela tem um nariz com rádio. Ih, troquei as bolas. Ela tem um rádio com um nariz. Ai, meu Deus, eu tô tão cansada. Preciso dormir. Não tá tarde, mas também pra quem levantou cedo demais e quase não dormiu já tá tarde sim. Como uma coisa pode ter tanto nome? “Vejo a nordestina se olhando ao espelho e”. Ih, tem uma moça nordestina também. Mas ela é de onde? Vou perguntar pra Fernanda. Da Ló Fa

Ti Gra

Vista tá cansada. O que é isso? Vou perguntar pra Fernanda.

Com o olho semicerrado

Começou ali a leitura

Leitura tão delicada

Porque com o olho já tão usado pela vida

Carecia de ser delicada mesmo

Cada sílaba formava um mundo novo

De um outro alguém

novo

ô/

adjetivo

4.

de pouco uso.

"encontrou um livro ainda n. no sebo"

10.

cuja forma, estrutura ou aparência se mostra modificada em relação à anterior.

Maria- Ô menina!! Por que você não me acordou?

Fernanda- Cê tava dormindo tão quietinha. Não quis te acordar.

Maria- Menina, eu tenho que terminar de arrumar aqui.

Fernanda- Eu já arrumei.

Maria- Como assim arrumou?

Fernanda- Ué, arrumando, né mãe?!

Maria- Fernanda, já te falei que se sua mãe ouvir você me chamando de “mãe” eu não piso mais aqui.

Fernanda- Mas ela já sabe. Eu já falei isso pra ela. É injusto até da minha parte eu não te chamar de mãe. Eu não sou sua filha?

Maria- Você sabe que é.

Fernanda- Então, não precisa dessa coisa de sangue não, Maria! A gente se adotou.

Maria- Ô filha, como foi o trabalho?

Fernanda- Nada de novo

Fernanda não gosta de dividir com Maria
a dificuldade que passa no trabalho.
Na cabeça dela de memória de criança,
Maria já tinha passado muito por isso.

Fernanda- Cê tava lendo?

Maria- Desculpa, eu deixei cair, aí as pétalas foram todas pro chão. Por que cê guarda pétala dentro do livro?

Fernanda- A senhora sabe que pra mim não precisa pedir desculpa, né?! Eu acho bonito.

Maria- Posso continuar lendo?

Fernanda- Mas é claro, né mãe?! Cê gostou?

Maria- Eu achei legal que fala sobre a coca cola, né?!

Fernanda- Coca Cola?

Maria- Aqui ó.

Fernanda- É, mais ou menos. Fala sobre como a gente se serve a esse refrigerante e se submete voluntariamente e inconscientemente a essa estrutura atual do mundo. Essa estrutura que é o capitalismo e como ele influencia na vida de pessoas tão pobres como Macabéa/

Maria- Maca, o que?

Fernanda- Béa, foi ela que/ pera, tem isso no livro.

Maria- Isso o que?

Fernanda- Que engraçado. Você vai ver quando chegar nessa parte.

Maria- E por quê esse livro tem tanto título?

Fernanda- Eu nunca tinha parado pra pensar nesse “porquê”.

Maria- Ah, talvez seja igual a mexerica. Ela pode ser tanto mexerica, quanto tangerina, bergamota, fuxiqueira, mandarina, clementina, mimosa, Robson/

Fernanda- Robson? Tipo, eu tô chupando o Robson?

Maria- Para de pensar besteira, Fernanda! Você falava tangerina, mas aí cresceu e decidiu começar a chamar de mexerica porque achava bonito. Aí acho que as pessoas leem o livro e decidem o título pra si. Cê num acha que deve ser isso? A gente tem várias opções, né?!

Fernanda- Você sabia que você é linda, Maria?! Faz carinho?



Carinho

Troca de energia

Troca de toques sutis

Maria tinha mão de nuvem

Fernanda diz isso desde criança

Fernanda dorme nos braços de Maria

Todo dia é assim

Amor



olha, Maria

Que lindo esse desenho!

Só tinham rabiscos da arte de uma criança.

ô papai ô papai ô papai ô papai

cadê a mamãe?

ô papai

ô papai

ô papai

ô papai

verde marrom laranja

pintar a nono o olho da nono o outro olho

a cabeça dela o rabinho dela

Você é uma artista, Fernanda!

Pétalas de rosas secas dentro de um livro. A Hora da Estrela. Queria que fosse real. Queria que você visse essa pétala seca. Ela era vermelha, agora amarela. Cor de terra. Linhas. Tortas. Criam caminhos pelas pétalas. Linha que corta o meio da pétala. Cheira a seco. Textura leve. Áspera na ponta. Passo a pétala no meu rosto. Cadê Macabéa? Eu não sei se a pétala é uma rosa ou ela é você. Que com todo registro parece você. “Ela era subterrânea e nunca tinha tido floração. Minto: ela era capim.”

Página 23- “o registro que em breve vai ter que começar é escrito sob o patrocínio do refrigerante mais popular do mundo e que nem por isso me paga nada.”

Uma vez eu ouvi “Todo mundo é substituível”. Eu não quero ter que substituir ninguém.

Página 14- “Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiriam como não existiriam. Poucas se queixam e ao que eu saiba nenhuma reclama por não saber a quem. Esse quem será que existe?”

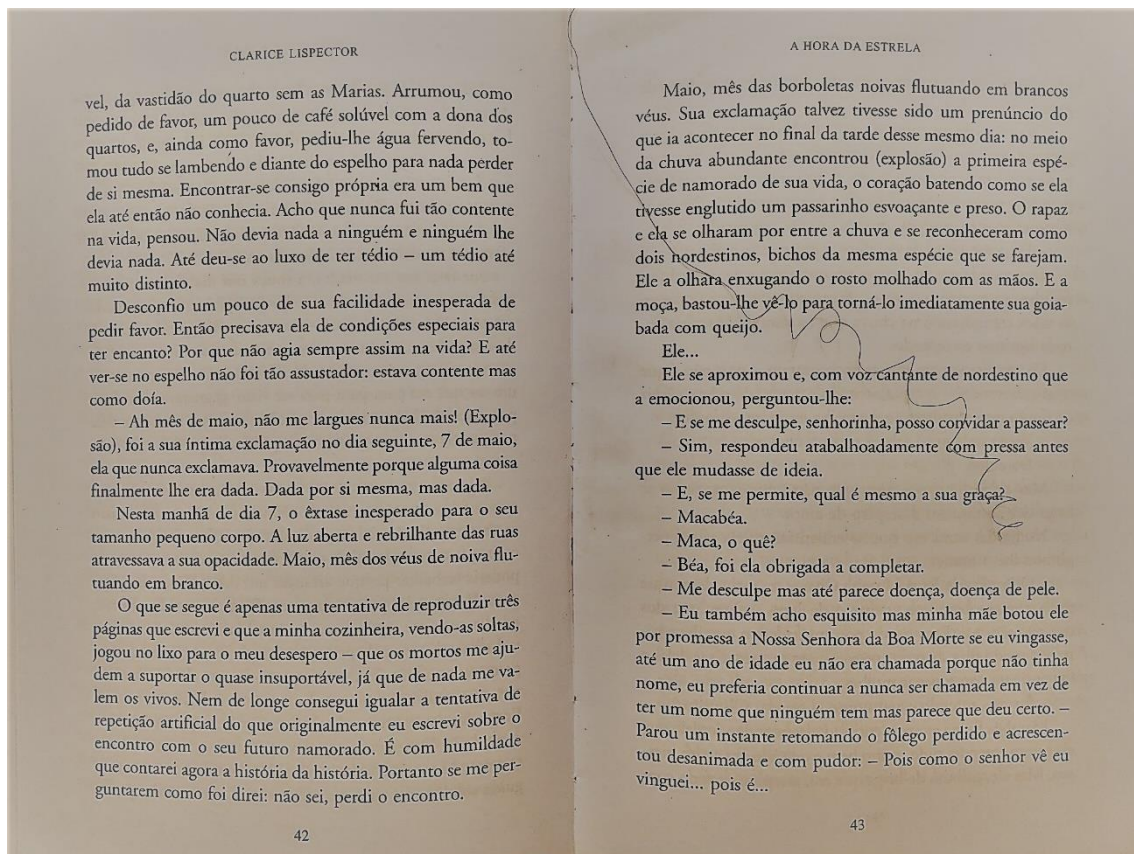
Um fio de cabelo dentro do livro. Registro de mim. Registro de tempo. Quando é que esse fio enrolado foi parar ali dentro? Será que ele tem consciência que ele tá ali pertinho dela? “-Macabéa. -Maca, o quê? -Béa,”. Esse fio é ela. Ela inconsciente de que é ela. Porque o jeito é ser ela, já que ela assim nasceu. E ela se explica demais. Parece que tem medo e vergonha de ser assim o que ela é.

Costume. Acostumar. Habituar-se a algo. De alguma maneira se enquadrar no que já existe. Ser mais uma nas ações repetidas por décadas. Como sair? Não se sabe, mas ela também não tem consciência de que é objeto desse costume.

Página 29- “Esse não-saber pode parecer ruim mas não é tanto porque ela sabia muita coisa assim como ninguém ensina cachorro a abanar o rabo e nem a pessoa a sentir fome; nasce-se e fica-se logo sabendo.”

Ela que era capim precisou virar rosa seca para se tornar estrela. Pois foi na hora da morte que ela foi vista pela primeira vez. Não como serva, não como figurante de uma

vida melhor que a dela, não como retirante. Mas como estrela que atropelada no asfalto viu pela primeira vez uma multidão a aplaudindo de pé.



Fecho o livro

Fernanda Fernanda Fernanda acorda Fernanda O que foi, Maria? Ela morreu, Fernanda? Eu não quero acreditar que isso tenha acontecido com ela. Quem morreu, Maria? Macabea! Por que ela morre no final? Porque foi o momento de glória dela. Mas o momento de glória dela não pode ser esse. Ela era nova demais. Ela me ensinou tanta coisa. Eu não sabia o que era uma da ti ló gra fa. Por causa dela eu sei. E aquele moço não podia ter tratado ela assim. Maria, cê já acabou o livro? Acabei, mas preferia não ter acabado. Ela era eu, Fernanda. Igualzinha. Sem tirar nem por. Ela não é uma caixinha de música meio desafinada. Ela repetiu “eu sou, eu sou, eu sou” tantas vezes. Ela se abraçou, Fernanda! Ela se abraçou pra morrer. Ela só queria ser ela, mas ninguém deixou que ela fosse.

Calma, Maria! É só um livro/ Fernanda, olha a nossa volta. Eu não sou só um livro. Macabea não é só um livro. “Devo dizer que essa moça não tem consciência de mim, se tivesse teria para quem rezar e seria a salvação.” Isso tá escrito no livro, Fernanda! Eu sou essa pessoa, eu vou rezar por ela. Ela morreu sem eu saber se ela era de Arapiraca. A minha cidade. Que cê sabe que ela é de Alagoas que nem eu, não sabe?! Então

Foi a primeira vez que
Fernanda deu colo a Maria
Chega algum momento da vida
que os papéis se invertem
O silêncio da manhã habita
no corpo da mulher.

Fernanda- Calma, mãe. Um dia tudo vai passar.

Maria- Queria que ela fosse real. Quem foi essa pessoa que escreveu a vida dela? É difícil ser personagem de história, né?! Quem escreve a minha história não é a minha mão.

Quem escreve a minha história não é a minha mão

Chove só para me fazer lembrar que o céu também chora. Ele me faz ser. Eu sou porque ele me permite ser aqui e agora. Essa é a primeira vez que venho a praia sozinha. Todas as outras vezes eu estive cuidando de Fernanda para que seus pais pudessem curtir a praia tranquilos. Estou só, mas o sentimento é de imensidão. De encontro com a pessoa que eu deveria amar. O vento dá afeto a minha pele. A folha se desprende da árvore e beija meu rosto. Areia fina e gotas leves de chuva me atravessam. Hoje o dia é meu. Parece que esse mar todo é meu. Essa estrutura divina com intervenções humanas foi feita pelos deuses e pelos seres vivos que fizeram o mar e pavimentaram esse asfalto para a minha chegada até aqui. O mar sussurra o meu nome e eu vou ao seu encontro. Eu queria ser multiplicada nessa praia. Me ter por todas as partes, só para me dizer “Oi, Maria. Senta, fica à vontade.” eu. eu. eu. eu. eu. Infinitamente eu.

Hoje eu vim me encontrar.

Eu tô aqui para te escrever um novo fim.

Macabéa.

Aquele que me foi apresentado

Não é o que quero pra mim

E se eu não quero pra mim

Eu não posso admitir

Que você tenha esse fim.

Oi

Oi

Prazer, eu sou Macabéa.

Eu sou Maria. Obrigada por ter vindo.

Eu que agradeço por ter me chamado.

As pessoas costumam me ver e depois me guardar na estante.

Eu morri com você. Mas eu queria reviver, por isso te chamei aqui.

Quero te dar vida de novo

Eu ainda tô presa no livro, Maria.

Mas deve ter algum jeito de você sair

“saudade do que poderia ter sido e não foi”, Página 33

Eu sei que você tem saudade do que não foi. Porque eu também tenho.

Olha o pássaro. Que lindo

Que pássaro?

Ele já foi. Eu quero ser como esse pássaro.

Quero que você seja como esse pássaro.

Que passou ligeiro com sua beleza.

Que voou e que por ter voado

Já não se pode mais vê-lo

Quero voar, Maria

E depois que eu voar

Eu quero que você voe.

Lembra daquele fio de cabelo?

Da pétala?



Macabéa! Macabéa!

Macabéa se foi.

Fio de cabelo e pétala?

Maria pega o livro que está em sua bolsa

E com um grande sorriso no rosto

Entende

Entende o que é para ser feito

Ela vai até a beira do mar

Abre o livro

O vento sopra

As pétalas voam em direção ao mar

Fio de cabelo não se vê mais

Voa Macabéa

“Juro que este livro é feito sem palavras. É uma fotografia muda. Este livro é um silêncio. Este livro é uma pergunta.”